32 - Paisagem Cultural: Saber, Instrução para a Sustentabilidade Ambiental Urbana

TORRES, Christina Menezes Torres (1); HOLZER, Werther (2);
(1)Arquiteta e Urbanista
(2)Arquiteto e Urbanista
Universidade Federal Fluminense / UFF

Resumo

Orientada pela perspectiva ambiental esta proposta explora considerações paisagísticas e análises referentes à produção do espaço urbano social, mapeando alguns dos aspectos das várias culturas locais encontradas nas frentes marítimas dos bairros de São Francisco, Charitas e Jurujuba, da cidade de Niterói, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Apresenta, ainda, o estudo dos aspectos implícitos no processo de implantação do Terminal Hidroviário, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, no bairro marítimo de Charitas, esclarecendo as transformações ocorridas, as relações estabelecidas e os significados resultantes.

Como metodologia foi considerada a proposição do arquiteto Del Rio sobre a percepção, um processo cognitivo vital, indispensável. Recortes do pensamento de Cosgrove e Tuan complementam e ressaltam a importância da contribuição dos códigos contidos nas culturas locais, nas realizações urbanísticas, bem como, subsidiam uma importante ferramenta para o desenho urbano, a “percepção dos processos cognitivos”, uma prática de relevância máxima que colabora com eficácia, para se levar a cabo a “sustentabilidade ambiental do planeta Terra” - assim como a preservação da própria vida.

Palavras chave: Paisagem Cultural; Informação; Sustentabilidade Ambiental Urbana.

Abstract

Guided by the environmental perspective, this paper explores landscape considerations and analyses related to the production of urban social space, mapping some of the characteristics of various local cultures found on the sea front of the neighbourhoods of Sao Francisco, Charitas and Jurujuba, all in the city of Niteroi, municipality of the Rio de Janeiro Metropolitan Region. Moreover, it presents the study of aspects implicit in the implementation process of the Hydro-Terminal, designed by architect Oscar Niemeyer in the seaside neighbourhood of Charitas, clarifying the occurred transformations, the established relationships and resulting meanings.

As a methodological approach, the proposition of architect Del Rio with respect to perception was considered, a vital and indispensable cognitive process. Cut-outs from the work by Cosgrove and Tuan complement and emphasize the importance of the contribution of the codes contained in local cultures in urban development realizations, as much as these offer subsidies to an important tool for urban design, the "perception of cognitive aspects", a practice of maximum relevance that efficiently collaborates tin the implementation of "Planet Earth's environmental sustainability", as well as the preservation of life itself.

Keywords: Cultural Landscape; Information; Urban Environmental Sustainability.

Introdução

Com o objetivo de contribuir para a discussão sobre "Cidade, Natureza e Cultura" e "Sustentabilidade na Avaliação Pós-Ocupação" esta introdução, através da pesquisa bibliográfica, tem o objetivo de apresentar considerações necessárias à reflexão da relevância da inclusão, nas práticas urbanísticas, dos códigos da cultura local, uma categoria dialética, que pode realmente promover com eficácia e eficiência a *sustentabilidade ambiental do planeta Terra*.

Qualquer atitude de caráter arquitetônico e urbanístico voltada ao ambiente urbano, desde um simples olhar, que represente um diagnóstico urbanístico, até um planejamento urbano ou um grande projeto arquitetônico, bem como, um plano urbanístico, sobre ou para o meio ambiente urbano, vai provocar um fenômeno em cadeia, produzindo um impacto, positivamente ou negativamente, sobre o local, repercutindo, para a cidade, para o país, para o planeta Terra. Os impactos negativos significam, sem dúvida, conseqüências prejudiciais para o homem, para as comunidades locais, nacionais, populações do planeta Terra, impedindo, inclusive, as gerações futuras de satisfazerem as suas necessidades. Ressaltamos a reflexão de Sachs (2002, p. 50) e reafirmamos que *"*é necessário considerar como nossas ações afetam locais distantes de onde acontecem, em muitos casos implicando todo o planeta ou até mesmo a biosfera". Assim, urge que, efetivamente, todos, sem exceção, abraçando a idéia de *sustentabilidade já*, imbuídos de um pensamento unívoco, de preservação de nossa casa comum, a Terra, e da própria Vida, tornem práticas, ações ou realizações urbanísticas em acordos transdisciplinares conscientes, que integre os códigos locais e incorpore a dimensão sócio ambiental, realizando um novo paradigma de desenvolvimento, duradouro e socialmente inclusivo, materializando a sustentabilidade ambiental do planeta Terra.

Conforme Ferrari (2004, p. 231) meio ambiente compreende um conjunto que insere em seu todo: o "meio físico" constituído pelo solo, recursos hídricos e clima; o "meio biótico" constituído pela vida vegetal e animal e o "meio antrópico" criado e gerido pelo homem, através de infra-estruturas física, social, viária, atividades econômicas, urbanização, esferas públicas e privadas, qualidade de vida. Urbano que se refere à cidade constitui um espaço ocupado por um aglomerado humano "denso e considerável em número" e, conforme Ferrari (ibid., p. 72) "sua evolução e estrutura são determinados pela dinâmica entre meio físico, desenvolvimento tecnológico e modo de produção".

A partir de uma perspectiva sustentável o meio ambiente urbano incorpora uma visão sistêmica holística[1], conferindo-lhe a condição de paisagem urbana constituída por um "todo", que Martins (2001, p. 163) pressupõe um ecossistema, conduzindo a consideração da biosfera como "[...] resultado de uma integração constante e ilimitada, no tempo e no espaço, entre todos os seus componentes, ou seja, litosfera, hidrosfera, atmosfera e os seres nela inseridos, cujo conjunto forma o ecossistema planetário". Visão sistêmica holística supõe componentes, conjuntos, totalidades integradas - inter e intra-relacionadas, assim, as partes de um conjunto são um "todo" indivisível. A abordagem holística colocada, inter e intradisciplinar remetem a fundamental questão, intrínseca, que deve ser incluída aos procedimentos de caráter arquitetônico e urbanístico, para assimilação, realização e materialização de um novo paradigma de desenvolvimento, ou seja, *incluir o ser humano e a cultura local no processo de investigação urbana para o desenvolvimento de projeto e planejamento urbano*, promovendo, assim, formas participativas nas

[1] Holística, segundo o dicionário Novo Aurélio, século XXI, significa: relativo ao holismo, que por sua vez, significa: 1. Filos. Tendência, que se supõe seja própria do Universo, a sintetizar unidades em totalidades organizadas. 2. Teoria segundo a qual o homem é um todo indivisível, e que não pode ser explicado pelos seus distintos componentes (físico, psicológico ou psíquico), considerados separadamente; holística.

estratégias de planejamento, prática que pode ser a força motriz para se respeitar a integridade dos sistemas naturais que permitem a existência de vida no planeta, que vão acelerar e fomentar o crescimento como um meio e não como um fim; permitir a inclusão; a proteção do patrimônio biogenético a ser transmitido às gerações futuras.

Martins (ibid., p.162) ressalta:

> [...] há um saber acumulado em cada pessoa que não necessariamente está presente no mundo acadêmico, formal e oficial. Daí a necessidade de formas participativas nas estratégias de desenvolvimento [...] Ninguém conhece tanto os ecossistemas naturais como os seus habitantes, [...] Aí estão os programas de resgate da biodiversidade local [...] baseados no saber popular acumulado ao longo do tempo e do espaço.

Ignacy Sachs (2002, passim) em suas palestras, livros, artigos, sua obra em geral, defende a tese de que para haver uma revolução do pensamento, uma mudança de paradigma é a "[...] gestão negociada e contratual dos recursos a pedra fundamental para qualquer desenvolvimento sustentável." Afirma que "[...] se dando às comunidades locais um papel central no planejamento da proteção e monitoramento de suas áreas estaremos permitindo uma interação saudável entre conhecimento tradicional e a ciência moderna." Sachs (ibid., p. 49) cita Edgar Morin apontando-o como um ilustre representante da "ecologização do pensamento" e aponta que Morin propõe uma expansão dos horizontes geográficos e uma análise que incorpora a interação da história natural com a história da humanidade. Assim, a humanidade deve, acima de tudo, considerar o homem, as suas histórias de como vivem e a importância da cultura local, incorporando às práticas arquitetônicas e urbanísticas, para a sobrevivência do planeta.

Morin (2001) assim define a cultura:

> [...] São as culturas que se tornam evolutivas, por meio das inovações, integrações de aquisições, reorganizações; são as técnicas que se desenvolvem; são as crenças, os mitos que mudam; são as sociedades, que a partir de pequenas comunidades arcaicas, metamorfosearam-se em cidades, nações e impérios gigantes. No seio das culturas e das sociedades, os indivíduos evoluíram mentalmente, psicologicamente, afetivamente.
>
> [...] A cultura é, repetindo, constituída pelo conjunto de hábitos, costumes, práticas, savoir-faire, saberes, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social. A cultura acumula aquilo que é conservado, transmitido, aprendido, e ela comporta os princípios de aquisição, programas de ação. <u>O primeiro capital humano é a cultura</u>. O ser humano seria sem ela, um primata da mais baixa categoria.
>
> [...] A cultura é aquilo que permite aprender e conhecer, mas ela é também aquilo que impede de aprender e de conhecer, fora de seus imperativos e de suas normas, e existe, desse modo, o antagonismo entre o espírito autônomo e sua cultura.
>
> [...] <u>A cultura é a emergência maior, própria da sociedade humana</u>.
>
> [...] O patrimônio hereditário dos indivíduos está inscrito no código genético; o patrimônio cultural herdado está inscrito inicialmente na memória dos indivíduos (cultura oral), depois escrito nas leis, no direito, nos textos sagrado, na literatura, nas artes. Adquirida por cada geração, a cultura é continuamente regenerada.[...]. (sem grifo do autor)

Portanto, cultura é um legado que faz parte da realidade humana: produzido e praticado pelo grupo; a ele pertencente; podendo suas características variar de grupo para grupo; resultado de experiências coletivas históricas no espaço e no tempo; atua sobre o homem e determina as ações do homem sobre o meio ambiente; precisa da linguagem, se apoia em um conjunto de signos e símbolos; e, depende das relações e inter-relações humanas. Logo, pode ser resumido em um *saber acumulativo, adaptativo e reflexivo que faz parte da realidade humana*, que, no modo contemporâneo, até permite ouvir meios externos, como o científico e, ou o acadêmico e outros, no seu desenvolvimento e atualização, mas não depende dessa condição, pois segue o seu curso, mesmo indo na contramão de qualquer meio externo ao grupo.

Para Augustin Berque (2004, p. 84-87 compreender o sentido, a lógica contida na paisagem é "apreende-la sob o ponto de vista cultural", ou seja, sendo a paisagem "plurimodal" o "sujeito e a paisagem são co-integrados em um conjunto unitário, que se autoproduz e auto-reproduz [...] pelo jogo, jamais de soma zero, desses diversos modos", assim, esse jogo impregnado de sentido é a cultura, definida pelo geógrafo como a "matriz" da paisagem. A tese de Berque compreende a realização de uma dialética entre marca e matriz para canalizar a relação da sociedade, dotada de uma história, com o espaço e com a natureza.

O geógrafo Cosgrove (2004, p. 101) afirma: "a paisagem urbana é um texto que pode ser lido através das fontes (códigos, símbolos), evidências que encontramos e que podem nos informar os significados contidos". A proposição de Cosgrove (ibid., p. 102) aponta: "a cultura é sempre potencialmente capaz de ser trazida ao nível da reflexão consciente e da comunicação" (sem grifo do autor). Assim, considerando, a cultura local, estaremos evocando um clamor: o "amor à própria vida" e, naturalmente, considerando muitas questões sustentáveis que estão sendo relegadas. Um passo simples, que pode fazer parte da história da humanidade, dos homens que vão contar com orgulho outras histórias, remetendo à Morin (2001) que afirma, "[...] A cultura é aquilo que permite aprender e conhecer, [...]".

Para Cosgrove (ibid., p. 103) a cultura "tem que ser constantemente reproduzida por eles (os homens) em suas ações, muitas das quais são ações reflexivas, rotineiras da vida cotidiana." O geógrafo enfatiza que "a cultura é, ao mesmo tempo, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas"; e, que "o objeto natural tornou-se objeto cultural, foi-lhe atribuído um significado". Considerando que todas as paisagens são simbólicas Cosgrove (ibid., p. 106) propõe:

> Revelar os significados na paisagem cultural exige habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira auto-consciente e, então, *re*-presentar essa paisagem num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos. Uma vantagem que temos ao tratar a paisagem dessa maneira é que muitos de seus significados são 'naturalmente' encontrados no sentido de que seu ponto de partida é algo comum à nossa experiência, na medida, em que somos parte da natureza.

Cinco anos depois Cosgrove (2000, p. 35; 45) amplia o conceito de cultura e encontra na modernidade significados múltiplos, fazendo o reconhecimento do "pluralismo cultural" e da "relatividade das verdades culturais", inferindo que as sociedades modernas tem uma inclinação para a disjunção e para a ruptura, por sua pluralidade de vozes, dando ênfase à utopia e ao tempo linear, negando a tradição, o passado e o tempo cíclico. Para o geógrafo o pensamento moderno renunciando aos ambientes do passado conservados e interpretados como herança e as paisagens e lugares não-materiais do cinema, da pintura e da escrita promove a desconstrução constante de significados, tornando os significados cada vez mais fragmentados, afetando aos lugares, exaurindo a Terra.

Conforme o geógrafo Mikesell (2000, p. 85) a cultura determina manifestações locais únicas, caracterizada por possuir forma estável e, ao mesmo tempo, dinâmica. Mikesell admite que o "estudo cultural não oferece a recompensa da certeza profética nem da simplificação grandiosa", porém o caminho está no primeiro passo, no reconhecimento das dificuldades e, na seqüência, na vontade, na coragem e na disposição de participar de um trabalho coletivo, multidisciplinar, árduo, contudo, voltado para o avanço do pensamento geográfico, para uma "missão maior da geografia" que vai além do "lema da Disneylândia" e se propõe, de fato, a contribuir para entender o mundo de hoje, marcado "por indicadores pós-coloniais e não pós-modernos".

Estudo de Caso:

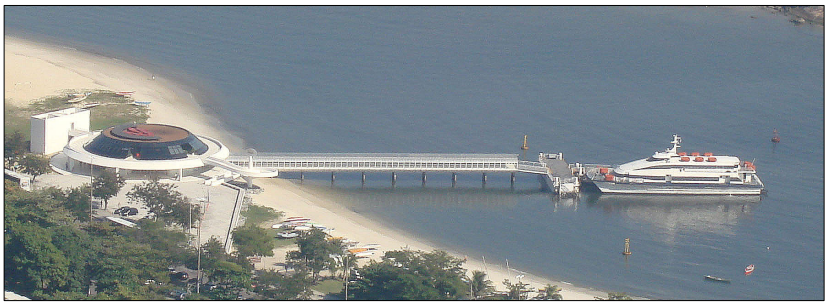
Mapeamento de comunidades e culturas locais, descrevendo os aspectos implícitos no processo recente de implantação do Terminal Hidroviário, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, no Bairro de Charitas, localizado na cidade de Niterói, município do Estado do Rio de Janeiro.

> *As pequenas civilizações com linguagem, sabedoria e culturas próprias estão ameaçadas porque são pequenas e falta-lhes o poder para se defenderem. (MORIN, 2004)*



Figura 1: bairros S.Francisco, Charitas e Jurujuba Niterói / RJ, Aut. C. Torres, junho/2006

A pesquisa realizada em 2006 e 2007, de natureza qualitativa, em fontes primárias, pelo objetivo específico de desvendar os impactos da implantação sobre o ambiente urbano, as comunidades locais e as paisagens culturais, baseou-se em observações participantes, abarcando homens, mulheres e crianças, nas faixas etárias compreendidas entre 12 e 60 anos. O registro visual e iconográfico utilizado como recurso adicional, foi importante para auxiliar no entendimento das dimensões internas do objeto empírico.


Fig. 2: Terminal Hidroviário de Charitas, Aut. C.Torres, jun./2006

O estudo completo, inserido em Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, está vinculado ao Grupo de Pesquisa intitulado Avaliação Pós Ocupação de Urbanização, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal Fluminense e seus registros podem ser visualizados: através de um relatório completo, que inclui este trabalho (um resumo); através de um vídeo clipe e de slides, produzidos no programa PowerPoint, assim, possibilitando um panorama geral e virtual, e, ainda, através de um pôster que resume a essência do estudo realizado.

Tendo como norte o objetivo da investigação foi possível separar a pesquisa em cinco grupos distintos:



Fig. 3: Preventório / Charitas, Aut. C.Torres, jun./2006

Para os moradores e trabalhadores da comunidade do Preventório (Fig. 3), localizada atrás do Terminal Hidroviário, no bairro de Charitas, entre os bairros de São Francisco e Jurujuba, a implantação do Terminal Hidroviário transformou as suas vidas, deixando os moradores estigmatizados pelos transtornos. O Terminal não é reconhecido, é visto como um "elefante branco" e na fala dos entrevistados, representantes das camadas sociais de baixa renda, homens, mulheres, idosos, jovens e crianças (a partir de 12 anos), foi indicado: que o terminal só trouxe desvantagens; sentiram-se excluídos das ações sobre o espaço urbano, o Terminal não beneficiou essas comunidades, não é usado e tampouco atende as suas necessidades; prejudicou a circulação anteriormente tranqüila, transtornou a vida pacata dessas comunidades; prejudicou o meio ambiente, o empreendimento não tem infra-estrutura adequada, sendo "*mais um edifício a desaguar esgoto direto no mar*", sem um mínimo de preocupação com os prejuízos ambientais.

O segundo grupo, constituído do Grupo de Velas (Fig. 4), localizado ao lado do Terminal Hidroviário, da Colônia de Pesca Z-8 (Fig. 5), em Jurujuba, dos pescadores avulsos da região e do Iate Clube Jurujuba externou preocupações comuns.



Fig. 4: Grupo de Velas - Charitas, jun./2006



Aut. C.Torres

Fig. 5: Praia Jurujuba / Z8 – Colônia Pesc., jun./2006

Na visão desse grupo, apesar de reconhecerem a importância da construção para a cidade, não vale a pena o preço pago, pelos prejuízos de ordem ambiental e material. Consideram que muitos ajustes precisam ser feitos e que deveriam pensar em um mínimo de benefícios para as comunidades próximas.

Para os moradores e trabalhadores dos bairros de Charitas e São Francisco, o terceiro grupo, a implantação do Terminal Hidroviário foi positiva e decisiva, além de representar um projeto de valor para a região, facilitou o deslocamento dos moradores e trabalhadores entre o Rio de Janeiro e Niterói; transformou o local favoravelmente, que era abandonado, "*largado*"; trouxe movimento, conforto, comodidade e agilidade, evitando para os usuários dessas regiões engarrafamentos, tendo em conta que têm quase que a porta de suas casas, um equipamento urbano de mobilidade eficiente, evitando o deslocamento por outros bairros e corredores de trânsito da cidade.

O quarto grupo identificado é constituído de proprietários de bares e restaurantes de Charitas (Fig. 7) e São Francisco, funcionários de Hospitais, contingente do Corpo de Bombeiros em Charitas e, ainda, funcionários do próprio Terminal Hidroviário em Charitas, que enfatizaram ganhos, a partir da implantação do Terminal, alegando que a construção trouxe desenvolvimento turístico para a região, facilitando o acesso aos restaurantes, bares e a vida noturna de São Francisco e Charitas, para freqüentadores vindos da outra margem da baía.



Fig. 6: Bares e restaurantes de Charitas, Aut. C.Torres, jun./2007

O último grupo, outros usuários do Terminal Hidroviário, classificados isoladamente porque apresentou moradores e trabalhadores de outras regiões da cidade, constatando que o Terminal atende, também, a Região Oceânica e ao bairro de Icaraí da cidade de Niterói. Esse grupo foi unânime, considera a estação um benefício para a cidade e manifestaram opiniões positivas, inclusive, com relação à arquitetura da construção.

Os resultados se mostraram desiguais, conforme o interesse dos grupos de entrevistados, assim sendo, as opiniões foram polarizadas e enfáticas em relação ao processo, com muitos se sentindo invadidos, prejudicados, outros apontando opiniões positivas e de beneficiamento. As camadas sociais de baixa renda expressaram energicamente prejuízos e as camadas média e alta, na sua maioria, aprovaram a implantação do Terminal.

Considerações Finais

Foi na voz dos sujeitos, convidados a participarem do estudo de caso, moradores das comunidades próximas, mas, também, através da população constante dos serviços, clubes, hospitais, grupos associados, colônia de pescadores, funcionários e outros usuários do Terminal Hidroviário que tivemos a oportunidade de confirmar as implicações emocionais, simbólicas e culturais que envolvem os indivíduos; de perceber os laços entre vida humana e mundo; os vínculos que movem os seres humanos e fazem do espaço urbano uma arena de embates, mas também, um local de prazer, de viver.

Foi possível observar que o universo, objeto desse estudo, possui uma importante quantidade de diferentes culturas, representadas por suas diferentes comunidades, desde a mais simples até a mais sofisticada, ressaltando que, também, tivemos a oportunidade de constatar que são as comunidades locais importantes para a proteção e monitoramento de suas áreas, através de um saber acumulado, independente do mundo acadêmico, formal e oficial, contudo, capazes de defender, com vigor e maestria, o espaço, o ambiente, o direito de viver, trabalhar e se divertir, tendo em foco, principalmente, garantir a salvo o seu produto de sobrevivência, portanto, representam informação indispensável ao planejamento de suas áreas, permitindo uma integração saudável entre o conhecimento tradicional e a ciência moderna.

Para Suguio (2003, p. 3) as regiões litorâneas constituem as faixas limítrofes entre os *continentes* (terras emersas) e os *oceanos* (terras submersas), representando uma das áreas de mais intenso intercâmbio de

energia do Sistema Terra e oferecendo um dos mais ricos e mais importantes conjuntos de ecossistemas naturais, de cuja preservação dependem os ciclos vitais de inúmeros animais e vegetais.

Essas regiões possuem também uma grande capacidade de atração, formam áreas muito suscetíveis a mudanças, podendo ser afetadas em diversas escalas temporais e espaciais, sofrendo importantes transformações, que podem ou não ser reversíveis. Segundo o Periódico BRASIL (2002, p. 323):

> Atualmente, cerca de 1/5 da população brasileira vive à beira-mar, representando um contingente de mais de 30 milhões de habitantes, com a zona costeira apresentando densidade demográfica de 87 habitantes por km2, cinco vezes maior que a média nacional de 17 habitantes por km2. Na verdade, tomando os espaços imediatamente contíguos à costa, temos metade da população nacional habitando a menos de 200 km da orla marítima.

Essa população é, no mínimo, duplicada durante as férias escolares ou feriados prolongados:

> A proliferação de balneários, de grandes projetos hoteleiros e de áreas de segunda residência ocorre em velocidade ascendente em todos os quadrantes da costa brasileira, representando séria ameaça à integridade dos ambientes costeiros e marinhos. A excessiva visitação em ambientes frágeis, a ocupação inadequada do solo, a desfiguração paisagística, a destruição de ecossistemas acompanham tal processo, quando o licenciamento e a fiscalização não são efetuados de forma adequada e criteriosa. Enfim, a atividade turística corre o risco de destruir os próprios atrativos que lhe deram origem. (BRASIL, ibid., p. 324)

Os efeitos negativos da urbanização sobre os ecossistemas litorâneos resultam em diversos impactos ambientais, que se tornaram evidentes a partir dos anos 90 em nosso país, surgindo a necessidade de se intervir paisagisticamente, através da recomposição dos ambientes degradados.

As regiões oceânicas dos Bairros de São Francisco, Charitas e Jurujuba não são diferentes, têm enfrentado, devido à atividade turística e crescimento populacional, transformações de suas paisagens naturais. Suguio (2003, p. 3) em seu artigo “Tópicos de geociências para o desenvolvimento sustentável.” ressalta: “inúmeros conflitos, gerados em função da ocupação desordenada do espaço físico terrestre das regiões litorâneas, poderiam ser minimizados e, em certos casos até mesmo eliminados, se os principais fatores que controlam ou afetam a área estivessem melhor equacionados.” e indica: “a ausência de práticas destinadas à conservação dos ecossistemas litorâneos merece reflexão conscienciosa sobre problemas muito presentes que, sem a devida postura visando o desenvolvimento sustentável, podem comprometer seriamente a própria sobrevivência da humanidade”.

Precisamos estar atentos à produção do espaço urbano, às diretrizes que envolvem a escolha dos locais para impulsionar o desenvolvimento urbano, banindo procedimentos característicos das práticas que reforçam a segregação urbana. É necessário um tratamento da paisagem que respeite, relacione e valorize as condições ambientais e as ações antrópicas, consistindo em uma análise completa e multidisciplinar que compare a sustentabilidade de um lugar com seus possíveis tipos de desenvolvimento e uso.

Del Rio (Org., 2002, p. 11) ressalta: “O estudo da percepção e dos processos cognitivos é vital para a compreensão de nossas inter-relações com o ambiente, de nossa conduta e dos julgamentos sobre o Projeto do Ambiente Construído.” e segundo Tuan (1983, p. 13) “A questão é muito acadêmica, porque a maioria das pessoas fazem uso dos cinco sentidos, que reforçam mútua e constantemente para fornecer o mundo em que vivemos, intrincadamente ordenado e carregado de emoções.” Portanto a prática da percepção, que significa apreender o todo, através dos *sentidos*; penetrar a complexidade que está contida na paisagem ou explorar os significados contidos na paisagem urbana, enleva a cultura local, o poder simbólico, *o poder da cultura local*, uma troca interessante e valiosa que deveria ser assimilada pelos arquitetos e planejadores do espaço urbano social, tanto pelos benefícios que representam para a

população local, quanto pelos que podem representar, vindos em conseqüência, para a humanidade, uma vez que a cultura local prioriza preservar as suas necessidades de morar, produzir, viver e se reproduzir, compreendendo que *em viver* estão contidos muitos fatores e se faz na instância de um contexto abundante de signos e significados, emoção e *amor à própria vida*. Bastaria observar e refletir, debruçando-se sobre os relatos e depoimentos obtidos nas comunidades locais, constantes deste trabalho.

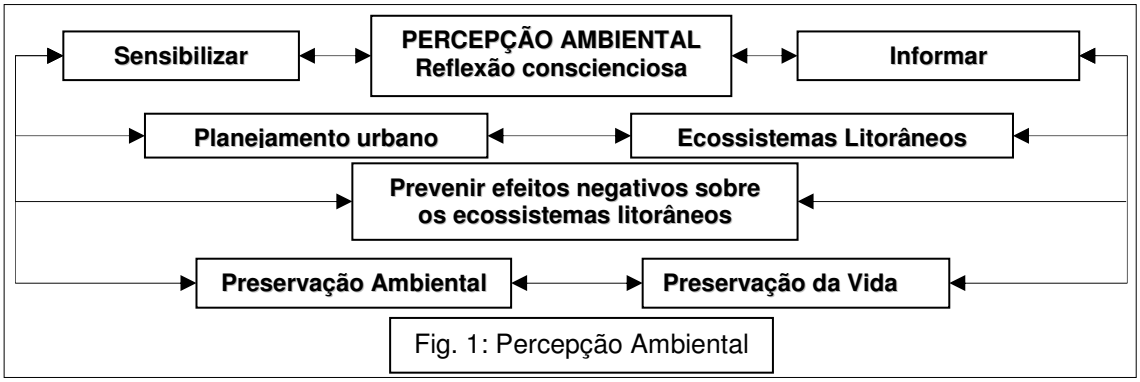


Fig. 1: Percepção Ambiental

Partindo da proposição de Cosgrove (2004, supra) de que as paisagens contem evidências que podem nos informar os significados implícitos, consideramos relevante para a leitura da paisagem urbana a percepção ambiental (ver fig. 1, supra), que envolve os sentidos, conforme Tuan (1983, supra), contidos na paisagem:
Com o intuito de reafirmar a intenção desse trabalho cabe trazer o pensamento de Guimarães (2001, p. 55), doutor em Ciências Políticas, pesquisador da Divisão de Meio Ambiente e Assentamentos Humanos da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (Cepal), em Santiago do Chile:

> Afirmar que os seres humanos constituem o centro e a razão de ser do processo de desenvolvimento significa advogar um novo estilo de desenvolvimento que seja: - ambientalmente sustentável no acesso e no uso dos recursos naturais e na preservação da biodiversidade; - socialmente sustentável na redução da pobreza e das desigualdades social e promotor da justiça e da equidade; - culturalmente sustentável na conservação do sistema de valores, práticas e símbolos de identidade que, apesar de sua evolução e sua regularização permanentes, determinam a integração nacional através dos tempos; - politicamente sustentável ao aprofundar a democracia e garantir o acesso e a participação de todos nas decisões de ordem pública. Este novo estilo de desenvolvimento tem por norte uma nova ética do desenvolvimento, ética na qual os objetivos econômicos do progresso estão subordinados às leis de funcionamento dos sistemas naturais e aos critérios de respeito à dignidade humana e de melhoria da qualidade de vida das pessoas. (sem grifo do autor)

Concluindo, considerando as propostas dos autores apresentados, que giram em torno do mesmo clamor, especialmente a proposição de Cosgrove (2004, supra) em que “a cultura é determinada por e determinante da consciência e das práticas urbanas”. Considerando o homem, suas relações com o meio ambiente, suas histórias, o saber local, a cultura local, resultado de experiências coletivas históricas no espaço e no tempo. São informações que podem revelar os modos de vida, as necessidades locais, podem auxiliar no planejamento urbano, prevenindo impactos negativos sobre o meio ambiente.
No estudo de caso apresentado, a implantação recente do Terminal Hidroviário foi uma atitude impositiva, sem considerar as necessidades locais, apontadas pelas comunidades do entorno, representando uma

alteração, um impacto negativo na vida daquelas pessoas e, principalmente, para o meio ambiente, uma vez que não houve um planejamento, incluindo infra estrutura necessária para evitar prejuízos ambientais.

Fica um questionamento: *Por que não buscar uma nova matriz baseada no reconhecimento do saber local, da cultura e das experiências do homem local? Porque não buscar uma matriz que* respeite o homem, a cultura local, como parte integrante do sistema Terra?

Sabemos que este não pode ser o único passo, todavia, com certeza, pode ser um passo para a sustentabilidade ambiental do planeta Terra.

> Com o século XXI, o futuro surge incerto mas também com novas oportunidades a exigir novas atitudes; hoje temos que refletir e agir não só em relação ao adro da nossa igreja mas também à nossa casa de todos, o "planeta Terra" . O olhar global, em extensão, é tão necessário, fascinante e importante como o olhar local, em profundidade. Ambos estes olhares ajudam-nos a perceber melhor a condição do Homem neste planeta." (AFONSO,2005, p. 4)

Referências Bibliográficas

AFONSO, José da Conceição. Urbanismo e arquitetura para o século XXI. Texto Especial 308. In: Arquitextos 060 Portal Vitruvius, 2005. 11 p. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp308.asp, Acesso em: 15 junho 2006.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: ROSENDAHL, Zeny., CORRÊA, Roberto L. Org. Paisagem, Tempo e Cultura. 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 124 p. Cap. 4, p. 84-91.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente - MMA. Lei Federal n.º 9985/00 – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. Brasília, 2000. 29 p. Disponível em: http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=16, Acesso em: 15 junho 2006.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny., CORRÊA, Roberto L. Org. Paisagem, Tempo e Cultura. 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 124 p. Cap. 5, p. 92-123.

_____. Mundos de significados: Geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: um século (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. 109 p. Cap. 3, p. 33-60.

DEL RIO, Vicente. Org. Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Vicente Del Rio, Cristiane Rose Duarte, Paulo Afonso Rheingantz (organizadores). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002. 392 p. Apresentação, p. 11-16.

FERRARI, Celson. Dicionário de Urbanismo. 1. ed. - São Paulo: Disal, 2004.

GUIMARÃES, Roberto P. A ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento. In: VIANA, Gilney. SILVA, Marina. DINIZ, Nilo. (Org.) O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. 366 p. Cap. I, p. 43-71.

MARTINS, Paulo Roberto. Por uma política ecoindustrial. In: VIANA, Gilney. SILVA, Marina. DINIZ, Nilo. (Org.) O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. 366 p. Cap. II, p. 75-96.

MIKESELL, Marvin W. Posfácio: Novos interesses, problemas não resolvidos e tarefas que persistem. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: um século (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. 109 p. Cap. 5, p. 85-109.

MORIN, Edgard. 5 L´humanité de l´humanité. L´identité humaine. In: La Méthode. Trad: Nurimar Falc. ReFazenda. Círculo Poético. São Paulo: Sesc São Paulo, 2001.
Disponível em: http://edgarmorin.sescsp.org.br/boucle/default.asp?p=112, Acesso em: 29 julho 2006.

SACHS, Ignacy. Caminhos para o desenvolvimento sustentável. Organização: Paula Yone Stroh. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 95 p.

SUGUIO, K. Tópicos de geociências para o desenvolvimento sustentável: as regiões litorâneas. Geologia USP: Série Didática, v. 2, n. 1, 2003. p. 1-40. Disponível em: <http:// www.igc.usp.br/GEOLOGIAUSP/sd1/art.php?artigo=598, Acesso em: 15 junho 2006.

TUAN, Yi Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. - São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.